

## TRAGEDIA INFANTIL

### I

#### ELLA

Dois irmãos: a pequenita  
Tem quatro annos sómente;  
E' d'uma graça infinita,  
D'um mimo surprehendente.

O seu corpo, que faria  
O desespero de Phidias,  
E' leve como a alegria,  
E' doce como as orchídias.

Produzir um corpo tal,  
Uma tão divina flôr,  
Só o ventre maternal,  
O estuario do amor.

N'aquella bocca graciosa  
Não poisa de certo a abelha,  
Por saber que não ha rosa  
Tão fresca, nem tão vermelha.

### 1 GUERRA JUNQUEIRO.

Seus grandes olhos rasgados  
Com limpidez infantil  
Parecem mesmo talhados  
No azul das manhãs de abril.

Ha tempos, oh, maravilha!  
Que precocidade aquella!  
Nasce a Bebê uma filha  
Já quasi da altura d'ella.

Quando a foram baptisar  
Houve alegria estrondosa,  
Serviu um banco de altar,  
Serviu de hysope uma rosa.

Bebê levava o anjinho  
Com maternal commoção;  
O pequeno foi padrinho,  
Foi cura e foi sachristão.

Mimi—eis como se chama  
Essa creança innocente;  
Uma pequenina dama  
Que não tem cara de gente.

Não parece uma pessoa;  
E' uma boneca aleijada;  
Pois se Bebê fabricou-a  
D'uns farrapitos, coitada!

Não tem pernas, não tem braços,  
E' uma creança infeliz;  
No rosto deram-lhe uns traços  
Com pretensões a nariz.

Não tem cabellos doirados,  
Nem bocca para comer;  
Seus olhos, sempre fechados,  
São de tinta de escrever.

No entanto a Bebê, que a adora,  
Parece-lhe um cherubim;  
Acha-a linda como a aurora...  
E' mãe: as mães são assim.

Santa illusão! para ella  
Que a anda a crear ao peito,  
Não ha uma rosa tão bella,  
Nem ha nada tão perfeito.

Que formosura!... que cinta!  
A bocca vale um thesoiro;  
Os olhos—borrões de tinta—  
São duas estrellas d'oiro!

E' em toda a natureza  
Aquillo que ella mais ama;  
Jantam sempre á mesma mesa,  
E dormem na mesma cama.

Quando a filha está doentinha  
Véla a mãe á cabeceira;  
Nunca teve uma rainha  
Tão delicada enfermeira.

E que finura, que enredos,  
Que geito particular,  
Se os remedios são azedos  
E custam muito a tomar!

Bebê, provando a tisana,  
Dá com a lingua um estalo,  
Murmurando, a vêr se a engana:  
—Ai que docinho!... é um regalo!—

A's vezes é impertinente,  
Tem rabujes, faz maldades,  
Não quer dormir, não consente  
Que a vão deitar ás trindades;

Bebê com mil subtilizas  
Diz-lhe então contos de fadas,  
Onde ha reis, onde ha princezas,  
Onde ha moiras encantadas.

E ao cabo d'alguns instantes  
Bebê e a filha chorosa  
Sonham com anjos, diamantes  
E rebuçados de rosa!

### II

#### ELLE

Elle, o rapaz, tem tres annos:  
Não ha nada mais gracioso  
Do que os seus gestos ufanos  
E o seu andar orgulhoso,

Quando vae com a irmãsinha,  
Como quem leva uma flôr;  
Ella—a tímida andorinha,  
Elle—o forte, o protector.

Ella encosta-se ao irmão  
Com languidez e candura;  
Ao vêl-os, julgo que são  
Dois noivos em miniatura.

A intrepidez do seu busto  
Tem as frescuras do linho;  
Alegre, loiro, robusto,  
Como um pequeno leãozinho.

Não deixa parar em casa  
Nada quieto em torno a si;  
O seu riso é como a aza  
Ardente d'um colibri.

E' o vir, o trabalhador,  
Que ora destroe, ora cria,  
Feito de força e de amor,  
De crueldade e harmonia.

Persegue as lesmas viscosas  
Que dormem dentro das cellas;  
Despega as folhas das rosas,  
E faz navios com ellas.

Detesta officios tranquillos,  
Ama o clangor das trombetas;  
E' o Atila dos grilos,  
O Nemrod das borboletas.

Se acaso no tanque observa  
A boiar, oh maravilha!  
Um pau, um trapo, uma erva,  
Emfim—um mundo, uma ilha.

Vae logo, bravo almirante,  
A' conquista do inimigo  
Com uma frota brilhante,  
Feita d'um jornal antigo.

Guarda em dois cofres estreitos  
Um magnifico rebanho  
E um grande exercito, feitos  
De meio arratel de estanho.

A's vezes fórma em batalha  
O seu exercito inteiro:  
Rompe o clarim e a metralha  
D'um krup de sabugueiro.

As fortalezas modernas  
Câem ali aos pedaços;  
Ficam ginetes sem pernas  
E granadeiros sem braços.

E á luz da batalha ardente  
Elle, o heroe imperturbavel,  
Galopa soberbamente  
N'uma vassoira indomavel!

Depois, já farto da guerra,  
Despe a farda de soldado,  
E rasga os seios da terra  
Dentro d'um palmo quadrado.

### III

#### OS DOIS

Uma vez, todo offegante  
Andava pelo jardim,  
Ruidoso como um gigante  
E alegre como um clarim,

A erguer co'as mãos pequeninas  
A obra do mundo inteiro:  
Roma das sete colinas  
Debaixo d'um jasmineiro.

Com lodo d'um charco immundo  
E agulhas dos pinheiros  
Eleva ao azul profundo  
As torres das cathedraes.

Acolá, d'um modo vago,  
Marca o logar d'um kiosque;  
D'uma concha faz um lago,  
E com tres ervas um bosque.

Arroja a locomotiva  
Por essas campinas fóra.  
Cae-lhe o suor da fronte altiva,  
Como o orvalho cãe da aurora.

Ergue palacios, basares,  
Pontes, muralhas, viaductos.  
As florestas seculares  
Arranja-as em dois minutos.

Ora inventa, ora destroe,  
E' um architecto e um guerreiro;  
Brilhante como um heroe  
E sujo como um pedreiro.

Faz nas formigas destrôco,  
Como os inglezes nos chins:  
A Rhodes tira o colosso  
E a Babilonia os jardins.

Lança o Pellion sobre o Ossa;  
Põe-lhe em cima um catavento;  
Qualquer noz é uma carroça,  
E qualquer mosca um jumento.

Nenhum obstaculo o affronta;  
Não vacilla, não desmaia;  
Com um lapis já sem ponta  
Abre um tunel no Himalaia.

Alinha, mede, gradua  
Vallados para as sementes:  
Os alviões e a charrua  
São tres palitos dos dentes.

N'aquelle olhar que governa  
Brilha o fulgor das espadas;  
Deem-lhe a hydra de Lerna,  
Que a vae matar... ás dentadas!

Com todas as qualidades  
Da *menagere* exemplar,  
Em quanto o irmão faz cidades,  
Bebê prepara o jantar.

Dorme a boneca ao pé d'ella,  
No berço. De quando em quando  
Bebê escuma a panella,  
Que está fervendo e cantando.

Mexe o guisado e a fritura,  
Vê se tem o sal bastante,  
E sentando-se á costura  
Com um ar meigo, radiante,

Emquanto a creança loira  
Dorme o bom somno florido,  
Co' a illusão d'uma tesoirã  
Talha a illusão d'um vestido.

Mas são horas; o irmãozinho  
Já deve de andar cansado  
Das construcções de granito  
E da rabiça do arado;

Mimi em poucos instantes  
Acordará com certeza;  
E' necessario quanto antes  
Ir pondo o jantar na mesa.

Vêde: que riqueza aquella,  
Que Trimalcão infantil!  
Ha na marca da baixella  
A assignatura de Abril.

Nunca loíça tão preciosa  
Vio mesas de embaixadores:  
Os pratos—folhas de rosa,  
E os copos—urnas de flores.

Tem a opulencia excessiva  
D'uma saturnal pagã:  
Só para cada conviva  
Quatro bagos de romã!

### IV

#### O CRIME

No entanto o pequeno andava  
Rubro como o sol dos tropicos;  
No craneo ardia-lhe a lava  
De mil projectos ciclopicos.

Sobre um rochedo improvisa  
Uma torre entrincheirada,  
Mais baixa do que a de Piza,  
Mas muito mais inclinada.

Mas faltam-lhe inda nos mastros  
As victoriosas bandeiras,  
Desfraldadas pelos astros  
Ao som das marchas guerreiras.

Procura com frenesi  
Bandeiras por toda a parte.  
—«E o vestido de Mimi?!  
Que esplendoroso estandarte!

«Mas que demonio! Bebê  
Desata logo a chorar!...  
E' o mesmo!» E pé ante pé,  
Como um ladrão, de vagar,

Chega-se ao leito o selvagem.  
Como ella dorme tranquilla!...  
Sente remorsos... Coragem!  
Tremem-lhe as pernas, vacilla.

Bem sabe o grande malvado  
Que vae tornar-se um ladrão;  
Mas se o vestido é encarnado,  
E é novo... Que tentação!

Não resiste á maravilha;  
Lança-lhe as mãos... N'esse instante  
Acóde Bebê, e pilha  
O irmão em roubo flagrante.

Vendo as bandeiras perdidas,  
Fica levado da bréca,  
E a pontapés homicidas  
Racha a cabeça á boneca.

Bebê, vendo a filha morta,  
Soltou um grito estridente,  
Como uma flecha que corta  
O azul instantaneamente.

A familia corre afflicta,  
Suppondo qualquer desgraça:  
Ergue a mãe a pequenita;  
Quasi o choro a despe'ação.

—«Filha que tens?... que agonia!...  
«Tu cahiste?... Doe-te... Aonde?  
«Valha me a virgem Maria!  
«Que tens?...» Bebê não responde.

Grita, rebenta, espolinha,  
Já quasi que estrangulada;  
A avó, a santa velhinha,  
Promette-lhe marmelada:

Jura o pae que ha-de *ensinal-a*,  
Se não disser o que tem.  
Mas é escusado; não falla,  
Não obedece a ninguém.

Quer o pae dar-lhe um açoite;  
Cobre-a o perdão com a aza.  
Descem as sombras da noite...  
Vão todos entrando em casa.